

# SEGUNDO CADERNO

ZUENIR VENTURA

## Podia ser pior, podia ser a Argentina

Deve ser horrível viver num país com crise econômica, desemprego, instabilidade cambial...

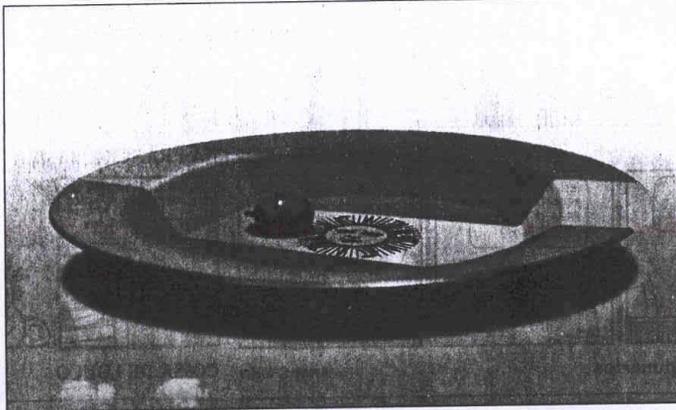
**V**ejo um desses retratos do Brasil feitos com números e descubro que estou no lucro: já deveria ter morrido há dois anos e meio, com 67,5, que é a média de vida do brasileiro. Em compensação, se fosse norueguês ou australiano, ainda teria mais oito anos de vida. Por outro lado, se fosse etíope ou angolano, mas aí já é covardia, não viveria mais do que 45 anos.

Cada vez que sai um desses relatórios ou mapas, o país encontra razões de desânimo, mesmo quando há melhora nos indicadores. A pobreza diminuiu 5,1%, mas os nossos indigentes são 50 milhões, quase 30% da população, todos situados abaixo da linha de pobreza, tendo que sobreviver com menos de R\$ 80 por mês, pouco mais de dois reais por dia, sem um mínimo das calorias consideradas indispensáveis à vida. Sem eufemismos, a realidade é essa: um em cada três brasileiros passa fome e se não morre de inanição, é por milagre.

Em estados como Maranhão e Piauí, a proporção de miseráveis é ainda mais indecente: é superior a 60% da população. São Paulo, com 11,53%, e o Rio, com 14,38%, são os de menor proporção. Mas a pobreza no município carioca cresceu 1,5%, de 1999 para 2000. No Estado do Rio, eles são quase dois milhões e na capital, 629 mil.

Para erradicar essa pobreza, a Fundação Getúlio Vargas, que fez a pesquisa, calculou que o Brasil precisaria de R\$ 1,7 bilhão por mês ou R\$ 20,4 bilhões por ano. Parece muito, mas na verdade bastaria que cada brasileiro dos quase 120 milhões que estão acima da linha de miséria contribuísse com R\$ 10,40 por mês, três ou quatro moedinhas de R\$ 0,10 por dia, dessas que a gente nem carrega no bolso porque acha que não servem para nada. Como essa divisão de rendas não acontece, apesar de o custo individual ser ridículo, há um outro método: recuperar e canalizar para o mesmo fim o dinheiro público desviado por lalauas, jorginas, escossias, nayas e tantos outros.

Aliás, essa sugestão já foi feita há anos por



Claudio Duarte

Betinho, que alegava ser difícil e custoso mandar para a cadeia e conservá-los lá os ladrões de colarinho-branco. Além disso, ele via nessa "lavagem" uma dimensão pedagógica de destímulo à corrupção: "Se o corrupto descobrir que o dinheiro que ele roubar terá que ser devolvido, qual a vantagem de ser corrupto?"

O próprio presidente da República já disse que o país não é pobre, é injusto. De fato, re-

ursos não faltam; o problema é que eles saem pelo ladrão; ou melhor, pelos ladrões. Só para dar um exemplo recente. Um dia antes de publicar esses números, O GLOBO revelou em manchete que o Ministério da Previdência descobriria que a dívida para com o INSS chega a R\$ 21 bilhões e que os devedores têm bens e patrimônio no valor de R\$ 17 bilhões.

Esses devedores, na maioria grandes em-

presas, se apropriam da contribuição previdenciária dos empregados e não a repassam ao INSS. Cometem dupla apropriação indebita, isto é, roubam duas vezes: do instituto e do empregado. Um dos últimos tipos de tramóia consiste em pegar uma empresa e dividi-la em duas: uma, a podre, fica com as dívidas; a outra, saudável, conserva o patrimônio e os créditos da empresa original. O caráter sigiloso das investigações impede que o nome desses grandes pilantras seja publicado. É uma pena.

Em outra pesquisa, essa da ONU, o Brasil mantém sua posição no ranking (69<sup>o</sup> lugar), enquanto a Argentina se situa em 34<sup>o</sup>, numa posição que com certeza desconhece a situação atual e é aparentemente invejável. Mas quem inveja a Argentina hoje? O mais provável é que se chore por ela. Aliás, como costumava dizer o colonista Anselmo Góis, deve ser horrível viver num país com crise econômica, insegurança social, instabilidade cambial, desemprego, recessão e um presidente chamado Fernando rejeitado pela população.

Observando sem ironia a situação da nossa vizinha e rival à beira da anarquia e do caos, nos resta o triste consolo. Imaginem a trágica e melodramática Argentina, outrora altiva e soberba, que achava ser a miséria um mal dos "macaquitos", agora estigmatizada, tratada como uma doente contagiosa, infectada com uma enfermidade que "pega".

Por isso, acho que para nós podia ser pior, podia ser a Argentina. É claro que podíamos ser também a Noruega, a Austrália, o Canadá, a Suécia, onde não há risco de se morrer de fome. Em compensação, morre-se de tédio.

\*\*\*\*\*

Se esta coluna tivesse frases da semana, a desta seria: "Ele gravou uma conversa com Luís Eduardo Soares e depois a divulgou. Ele também gravou as minhas" (de Guilherme Freire, o homem das fitas de Garotinho).

E-mail para esta coluna: [zuenir@globo.com.br](mailto:zuenir@globo.com.br)